

INCURSÕES HISTÓRICAS E FILOLÓGICAS SOBRE O TEXTO DA ORAÇÃO DA PAZ ATRIBUÍDA A SÃO FRANCISCO DE ASSIS

*Ricardo Tupiniquim Ramos*¹

RESUMO

Embora recente, apócrifa e de autoria controversa, a Oração (da Paz) de São Francisco de Assis demonstra grande afinidade com a espiritualidade franciscana. Construído a partir de mecanismos de coesão (paralelismo sintático) e coerência (paralelismo semântico e antíteses), o texto latino é divisível em cinco partes e possui versões em diversos idiomas modernos, com destaque para o português, espanhol, francês, italiano (línguas românicas) e inglês. No plano morfossintático, há diferenças entre o original e as versões modernas. Nas partes centrais, predominam sentenças subjuntivas. Na segunda, a primeira sentença sugere a existência do mal, enquanto a segunda indica ação dirigida contra ele, expressa por diferentes estratégias, próprias de cada (grupo de) língua(s). Assim, enquanto o latim aponta para uma ação coletiva, genérica, não marcada quanto ao agente (estratégia conservada nos dois fragmentos seguintes); as línguas românicas deslocam a enunciação para o orante, que se assume agente; em inglês, o locutor coloca-se à disposição da Divindade para realizar a tarefa. Cada língua expressa, por meio de vocabulário nem sempre cognato, sentidos essenciais para a construção do texto, como na indicação das ações contrárias ao mal ou dos pares opositivos centrais na segunda parte da prece. O terceiro fragmento também mobiliza diferentes estratégias indicativas da busca de um objeto mais que outro. O penúltimo trecho veicula relação causa/consequência entre duas ações: uma expressa no gerúndio, outra, por uma forma verbal geralmente passiva e infinitiva, embora em latim, como regra, apareça na P4 e varie num *continuum* de atividade/passividade.

Palavras-chave: Oração (da Paz) de São Francisco de Assis. Autoria, surgimento e difusão. Aspectos histórico-sintático-semântico-pragmáticos.

¹ Doutor (2008) e Mestre (1999) em Letras e Linguística pela UFBA; Licenciado (1997) em Letras Vernáculas com Inglês pela UCSal. Professor-Assistente da UNEB. ; Professor-Assistente da Universidade do Estado da Bahia. Líder do Grupo de Pesquisa em Cultura, Resistência, Etnia, Linguagem e Leitura. Membro do Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos. Poeta, cronista, contista. Militante indígena. E-mail: tupinikim@msn.com

ABSTRACT

Although recent, apocryphal and by controversial authorship, the Prayer (for Peace) of Saint Francis of Assisi shows great affinity with Franciscan spirituality. Constructed from a syntactic parallelism and a semantic one, mechanisms of textual cohesion and coherence, respectively, its original Latin text is divisible into five parts and has versions in several modern languages, such as Portuguese, Spanish, French, Italian and English. In the morphosyntactic plane, there are some differences between the Latin text and its modern versions. In the central parts of the text, subordinated sentences predominate. In the second fragment, the first tense suggests the existence of Evil, while the second indicates the action directed against it, expressed by different syntactic-pragmatic strategies, specific to each (group of) language(s). Thus, while Latin points to a collective, generic and unmarked action in relation to its agent (strategy preserved in the following two portions of the text); Romance languages shift enunciation to the prayer, who assumes itself as agent; in English, the announcer places itself at Godhead disposal to accomplish the task. Each language expresses, through a not always cognate vocabulary, essential meanings for the construction of the texts, as in the indication of actions against the existence of evil or the central opposing pairs in the second part. The third fragment also mobilizes different strategies to indicate the search for one object more than another. The penultimate portion of the prayer conveys a cause/consequence relation between two actions: one expressed by gerund, other by an usually passive-infinitive verbal form, although in Latin, as a rule, it appears in P4 and varies on an activity/passivity *continuum*.

Keywords: Prayer (for Peace) by St. Francis of Assisi. Authorship, emergence and diffusion. Historical-syntactic-semantic-pragmatic aspects.

1. Introdução

Prece de simplicidade, pertinência, beleza e sabor ecumênico devido à expressão inspirada de ancestrais desejos de união e de paz capazes de ressonar no coração as pessoas, a chamada Oração (da Paz) de São Francisco de Assis (1181-1226), Oração do Amor ou Oração Simples, embora recente, apócrifa e de autoria controversa, tem raízes antigas, demonstrando grande afinidade com a espiritualidade franciscana. Segundo Cavalcanti e Perissé (2013, p. 22),

Podemos afirmar com tranquilidade que esta oração está vinculada ao legado espiritual que Francisco de Assis deixou para a humanidade e pode ser considerada a expressão dos seus ensinamentos. Cada uma de suas frases está carregada daquela generosidade que lhe valeu um lugar de destaque na história da humanidade.

A excepcional difusão mundial desta oração em pouco mais de um século de seu surgimento se deve, sobretudo, à sua espontaneidade, à

Religião, Língua e Literatura

sua referência às expectativas mais humanas e à atribuição a São Francisco de Assis, mas também à riqueza de conteúdo e simplicidade. São exemplos dessa difusão os seguintes fatos:

- ela é quase oficial para os escoteiros e o é para os diferentes grupos franciscanos e algumas igrejas e congregações protestantes a adotam, inclusive, como texto litúrgico;
- em 1945, durante a primeira Conferência da ONU, ela foi lida pelo senador norte-americano Tom Connally;
- em 1975, durante reunião do Conselho Ecumênico das Igrejas, ela foi recitada;
- em 1979, durante premiação como Nobel da Paz, em Oslo, Santa Teresa de Calcutá (1910-1997) explicou sua importância, convidando os presentes a recitá-la;
- em 4/05/1979, em seu primeiro discurso como Primeira-ministra do Reino Unido, Margaret Thatcher recitou parte dela;
- em 1984, durante premiação como Nobel da Paz, o bispo anglicano Desmond Tutu declarou-a integrante de sua devoção;
- em 1986, ela teve papel central no I Encontro Inter-religioso de Assis, organizado por São João Paulo II (1920-2005);
- em 1989, foi recitada na abertura do Congresso Ecumênico Europeu, em Basiléia;
- em 1995, Bill Clinton a inseriu na saudação a São João Paulo II, no aeroporto de Nova York;
- em 2014, durante o Encontro de Súplica pela Paz, no Vaticano, com a presença do papa Francisco, do patriarca ortodoxo Bartolomeu e dos líderes políticos israelense (Shimon Perez) e palestino (Abu Mazen), as comitivas cristãs a recitaram.

A despeito disso, após a década de 1940, vários especialistas questionaram a autoria dessa oração, hoje definitivamente apócrifa, assim como inúmeros outros textos ao santo atribuídos desde o Medievo. Entre os estudiosos, isso é consenso. Não o é, contudo, a identidade de seu verdadeiro autor, “enigma a ser solucionado” (RENOUX, 2003, apud MESSA, 2009).

Na próxima seção, trataremos das informações até o momento disponíveis sobre essa controversa autoria.

2. Algumas incursões sobre as origens da Oração da Paz

Seguramente, a prece cristã em apreço foi originalmente publicada em dezembro de 1912 com o título *Belle prière à faire pendant la messe* ‘Bela oração para se fazer durante a missa’ em *La Clochette* ‘A Sineta’, uma pequena revista católica de caráter devocional fundada em 1901 pelo sacerdote e jornalista francês Esther Auguste Bouquerel (1855-1923), um de seus prováveis autores.

Em janeiro de 1913, ainda na França, Louis Boissey (1859-1932) a publicou nos *Annales de Notre Dame de Paix* ‘Anais de Nossa Senhora da Paz’, citando como origem *La Clochette*. Nesse mesmo ano, sem referência à fonte e como parte de um movimento de devoção ao Sagrado Coração de Jesus, o marquês francês Stanislas de la Rochethoulon et Gante (1862-1945), a republicou na revista do seminário *Souvenir Normand*, por ele fundado.

Com o início da I Guerra Mundial (1914-1918) e de um movimento de orações pela paz encabeçado pela Santa Sé, Rochethoulon envia a Bento XV (1854-1922, papa desde 1914) essa oração, dirigida ao Sagrado Coração de Jesus, junto com outra, dirigida a Nossa Senhora da Normandia e outros padroeiros e um cântico dedicado àquela mesma santa.

Em 1915, a oração foi vertida e impressa em francês, inglês, alemão, espanhol, português, russo e polaco, a pedido do papa, que convidou os católicos europeus a rezá-la junto com ele, no domingo, 7 de janeiro. Entendendo essa solicitação como um pedido de orações pela vitória na guerra do catolicíssimo Império Austro-Húngaro, o governo francês confiscou todos os impressos e proibiu as paróquias de reproduzi-la.

Em 20/01/1916, o *Osservatore Romano* ‘Observador Romano’ – órgão oficial da imprensa vaticana – veio a publicá-la com uma breve informação explicativa: “O *Souvenir Normand* fez chegar ao Santo Padre o texto de algumas orações pela paz. Entre elas nos agrada reportar particularmente aquela dirigida ao Sagrado Coração, inspirada no

Religião, Língua e Literatura

testamento de Guilherme, o Conquistador” (OSSERVATORE ROMANO, 1916, apud PICCUTI, 2009).

Em 3/02/1916, o diário católico parisiense *La Croix* ‘A Cruz’ informava a seu público que, em 25/01, o cardeal Gasparri, Secretário de Estado do Vaticano, escrevera a Rochethulon agradecendo-lhe o envio das orações à Sua Santidade. Três dias depois, esse mesmo periódico reproduzia o texto publicado no *L’Osservatore Romano*.

Em 1918, o capuchinho Etienne Benôit, diretor da Ordem Terceira Secular de Reims, na França, mandou imprimir um cartão com a estampa de São Francisco com a regra da Ordem na mão, na frente e, no verso, a Oração pela Paz com a invocação ao Sagrado Coração de Jesus. No rodapé, sublinhava que, retirado de *Le Souvenir Normand*, o texto “[...] resume os ideais franciscanos e, ao mesmo tempo, representa uma resposta às urgências de nosso tempo” (BENÔIT, 1918, apud BOFF, 1999, p. 19), frase que a transformou na Oração de São Francisco de Assis, passando a ser, ao mesmo tempo, um resumo da devoção ao Sagrado Coração de Jesus e da espiritualidade franciscana:

Existe uma espiritualidade franciscana difusa no espírito de nosso tempo, nascida da experiência de Francisco, de Clara e de seus companheiros [...]. A Oração pela Paz, também chamada Oração de São Francisco, constitui uma das cristalizações desta espiritualidade difusa. Ela não provém diretamente da pena do Francisco histórico, mas da espiritualidade do São Francisco da fé. Ele é seu pai espiritual e por isso seu autor no sentido mais profundo e abrangente da palavra. Sem ele, com certeza, essa Oração pela Paz jamais teria sido formulada nem divulgada e muito menos teria se imposto como uma das orações mais ecumênicas hoje existentes. (BOFF, 1999, p.12-13)

Após 1925, a partir dos EUA, Canadá e de países germânicos, inicia a difusão da prece mundo afora². Em 1926, os *Chevaliers de la Paix* ‘Cavaleiros da Paz’, organização protestante voltada para a promoção da harmonia entre os povos, divulgou a oração pela Europa, atribuindo-a ao santo de Assis, equívoco perpetuado, uma década depois, em Londres, por publicação anônima da oração em inglês, no verso de um pôster com a imagem de São Francisco de Assis.

² No Brasil, a mais antiga versão da prece consta dos Anais da Câmara dos Deputados em 1957.

Resumidamente, é esta, portanto, a origem da Oração da Paz e de sua equivocada atribuição autoral a São Francisco de Assis.

Passemos, agora, a tecer algumas considerações sobre seu texto a partir da versão latina (sempre posta em caixa alta), comparando-o a versões correntes em quatro línguas românicas – português, espanhol, francês e italiano – em cotejo da versão em inglês. Para tanto, dividimo-lo em cinco trechos transcritos em caixas e indicados por números.

Algumas leituras filológicas do texto da “Oração da Paz”

trecho 1:

LATIM: FAC NOS, DOMINE, INSTRUMENTA PACIS TUAE.

português:	Senhor, fazei de mim um instrumento de vossa paz.
espanhol:	Señor, haz de mí un instrumento de tu paz.
francês:	Seigneur, faites de moi un instrument de votre paix.
italiano:	Signore, fa di me uno strumento della Tua Pace.
inglês:	Lord, make me an instrument of your peace.

No plano morfossintático, observamos algumas diferenças entre o texto latino e os românicos. Estes principiam pelo vocativo (Senhor, *Señor*, *Seigneur*, *Signore*), terceiro termo daquele (*Domine*), iniciado pelo verbo (*fac*) – cognato às formas românicas *fazei*, *haz*, *faites*, e *fa* –, seguido do pronome dativo *nos*, substituído pelas formas preposicionadas *de mim*, *de mi*, *de moi*, *di me* nas versões neolatinas. Em duas destas (esp. e it.), o pronome possessivo latino de P2 (*tuae*) mantém cognatos (*tu* e *tua*, respectivamente), sendo trocado pelos de P5 nas outras (*vossa*, pt.; *votre*, fr.). Além disso, nos textos românicos, destaca-se o artigo indefinido próprio dessas línguas – *um* (pt.), *un* (esp./fr.), *uno* (it.) – ausente em latim, língua sintética.

No plano lexical, nos textos das línguas modernas, destaca-se, por um lado, a conservação de cognatos de vocábulos latinos – *instrumenta* (pt./esp. *instrumento*, fr. *instrument*, it. *strumento*, ing. *instrument*), *pacis*³ (pt./esp. *paz*, fr. *paix*, it. *pace*; ing. *peace*) – e, por

³ Segundo Faria (1967, p. 711), etimologicamente, *pax, cis* “significa acordo ou fixação de uma convenção entre duas partes beligerantes, tratado de paz”, donde os sentidos

Religião, Língua e Literatura

outro, a ausência de cognatos ao termo latino *Dominus* ‘dono da casa, senhor, proprietário’ (Cf. FARIA, 1967, p.326): pt. *senhor*, esp. *señor*, fr. *seigneur*, it. *signore* < lt vg **seniorem* ‘senhor, chefe, soberano’ (Cf. QUEIROZ, 1959, p.102); ingl. *lord* (< ingl. md. *lovedred* < ingl. arc. *hlaeflord* < *hlaf* ‘pão’ + *weard* ‘guardar, manter’; donde: ‘o guardador, o mantenedor do pão’ Cf. HOUAISS, 2001, p. 1783).

A partir do trecho 2, exposto na próxima página, a oração é construída a partir de um recurso de coesão textual, o paralelismo sintático (Cf. GARCIA, 1992): o emprego da mesma estrutura frásica, como se vê em cada língua neolatina dada: pt. onde houver X, que eu leve Y; esp. *donde haya X, ponga yo Y*; fr. *là où il y a X, que je mette Y*; it. *dov'è X, ch'io porti Y*. No latim, o zeugma tanto de *sit* ‘esteja, haja’, em todo o trecho, quanto de *seramus*, a partir da segunda sentença – *ubi X (sit), ibi Y seramus, ubi X', ibi Y' –*, é estratégia semelhante à do inglês que, contudo, só elide o segundo verbo na segunda sentença: *where there is X, let me sow Y, where there is X', Y'*.

Esse paralelismo foi recurso de Jean de Fécamp (1028-1078), autor muito próximo da literatura franciscana primordial. A oração também apresenta semelhanças estilísticas com os ditos do Beato Frei Egídio, companheiro de São Francisco:

Se amares, serás amado;
Se venerares, serás venerado;
Se servires, serás servido;
Se tratares bem os outros, serás também bem tratado.
Entretanto,
Bem-aventurado aquele que ama sem ser amado,
Bem-aventurado aquele que venera sem ser venerado,
Bem-aventurado aquele que serve sem ser servido,
Bem-aventurado aquele que trata bem a todos sem ser bem tratado.
(EGÍDIO DE ASSIS, apud BOFF, 1999, p. 21)

e com a Admoestação 27 do próprio santo:

próprios de ‘ausência de guerra, consolidação de relações entre países, etc.’. Desses, derivam os sentidos figurados de ‘permissão, indulgência; graça, favor, benevolência divina; tranquilidade e calma (dos elementos naturais); tranquilidade e serenidade de espírito; domínio, império’. Destes, sem registro em português os últimos.

Onde há amor e sabedoria, não há medo nem ignorância. Onde há paciência e humildade, não há ira nem perturbação. Onde há pobreza e alegria, não há cobiça nem avareza. Onde há paz e meditação, não há nervosismo nem dissipação. Onde o temor de Deus guarda a casa, o inimigo não encontra portas. Onde há misericórdia e discrição, não há excesso nem dureza de coração. (FRANCISCO DE ASSIS, apud BOFF, 1999, p. 20-1)

Religião, Língua e Literatura

trecho 2:

LATIM: UBI ODIUM, IBI CARITATEM SERAMUS

português: Onde houver Ódio, que eu leve o Amor;
espanhol: Donde haya Odio, ponga yo Amor;
francês: Là où il y a de la Haine, que je mette l'Amour;
italiano: Dove è odio, fa ch'io porti l'Amore;
inglês: Where there is Hatred let me sow Love;

LATIM: UBI DISSENSIO, IBI CONCORDIAM

português: Onde houver Discórdia, que eu leve a União;
espanhol: Donde haya discordia, ponga yo unión;
francês: Là où il y a la discorde, que je mette l'union;
italiano: Dove è discordia, ch'io porti l'Unione,
inglês:

LATIM: UBI ERRUM, IBI VERITATEM

português: Onde houver Erro, que eu leve a Verdade;
espanhol: Donde haya Error, ponga yo Verdad;
francês: Là où il y a l'Erreur, que je mette la Vérité;
italiano: Dove è Errore, ch'io porti la Verità;
inglês:

UBI INIURIA, IBI VENIAM

Onde houver Ofensa, que eu leve o Perdão;
Donde haya Ofensa, ponga yo Perdón
Là où il y a l'Offense, que je mette le Pardon;
Dove è Offesa, ch'io porti il Perdono,
Where there is Injury, Pardon;

UBI DUBIUM, IBI FIDEM

Onde houver Dúvida, que eu leve a Fé;

Là où il y a le Doute, que je mette la Foi ;
Dove è dubbio, ch'io porti la Fede,
Where there is doubt, faith;

UBI DESPERATIO, IBI SPEM

Onde houver Desespero, que eu leve a Esperança;
Donde haya Desesperación, ponga yo Esperanza,
Là où il y a le Désespoir, que je mette l'Espérance;
Dove è Disperazione, ch'io porti la Speranza,
Where there is Despair, Hope;

LATIM:	UBI TRISTITIA, IBI LAETITIAM;	UBI TENEBRAE, IBI LUCEM!
português:	Onde houver Tristeza, que eu leve a Alegria;	Onde houver Trevas, que eu leve a Luz!
espanhol:	Donde haya Tristeza, ponga yo alegría;	Donde haya Tinieblas, ponga yo Luz!.
francês:	Là où il y a la tristesse, que je mette la joie;	Là où il y a les ténèbres, que je mette votre lumière!
italiano:	Dove è Tristezza, ch'io porti la Gioia;	Dove sono le Tenebre, ch'io porti la Luce.
inglês:	Where there is Sadness, Joy	And where there is Darkness, Light!

Como se vê, o latim se opõe às demais línguas por ser a única a explicitar um par de advérbios locativos semanticamente opostos: UBI ‘onde’ (não marcado com o traço {+ definido} e, portanto, uma forma de P3) X IBI ‘aí’ (marcado pelos traços {+ definido} e {+ P2}). Por sua vez, sem dúvidas, as formas portuguesa e espanhola (onde e *donde* [‘donde] respectivamente) são cognatas entre si e derivadas do lt. *unde* ‘donde’, uma provável origem (ao lado de *ubi*), do fr. où [u] ‘onde’⁴. Nossas fontes não disponibilizaram informações acerca do étimo da forma italiana *dove* [‘dove] ‘onde’.

No trecho, predomina subordinação sintática: em todas as línguas, na primeira sentença do período, a existência de algo negativo é hipotetizada por verbos na P3 (lt. *sit* ‘esteja, haja’; pt. *houver*; esp. *haya* [‘hadʒa] fr. *il y a* [ili’a]; it. *é* [e]; ingl. *there is* [ðɜː’ɪs]). Na segunda, está a sugestão de ação dirigida contra aquele fato negativo, expressa por diferentes estratégias sintático-pragmáticas, próprias de cada (grupo de) língua(s). Assim, enquanto o latim, idioma sintético, utiliza apenas a forma de P4 (*seramus* ‘que semeemos’), apontando para uma ação coletiva, genérica e, portanto, não marcada quanto a seu agente; as línguas românicas dadas, analíticas,

⁴ A locução francesa *là où* tem melhor equivalente na portuguesa ‘lá onde’.

Religião, Língua e Literatura

utilizam formas verbais de P1 (pt. que eu leve, esp. *ponga yo* [ˌpongaˈʒo] fr. *que je mette* [kʒəˈmɛt] it. *ch'io porti* [ˌkjoˈporti]), deslocando a enunciação para o âmbito do sujeito orante, que se assume ator; por sua vez, em inglês, o locutor lança mão de formas de P2 (*let me sow* [ˌlɛtmiˈsɔw] ‘deixe-me semear’), colocando-se à disposição da Divindade para realizar a tarefa.

É possível agrupar as línguas consideradas a partir dos verbos utilizados na segunda sentença do período, revelando, cada grupo, diferentes sentidos da ação contrária à existência do mal. Assim, por exemplo, enquanto em latim e inglês, os verbos têm o sentido de ‘semear, propagar, disseminar o bem’ (*seramus* e *sow*, respectivamente), em português e italiano (*leve* e *porti*, respectivamente) significam mais propriamente ‘conduzir, transportar, encerrar em si o bem’ e em espanhol e francês (*ponga* e *mette*, respectivamente), ‘estabelecer, fixar, instalar, edificar o bem’.

Além disso, também deste trecho em diante, a antítese assume o papel de base da construção de um paralelismo semântico (Cf. GARCIA, 1992) – recurso de coerência textual consistente no emprego de lexias associadas quanto ao sentido. Esse recurso é abundante com os nomes, como demonstra o quadro abaixo. Examinando-o, percebe-se que, embora cada par latino derive diretamente nas línguas românicas ou mesmo no inglês (*injury, pardon, doubt, despair*), através de medição francesa, apenas um deles possui ambos os cognatos registrados nos textos românicos: **ERRUM X VERITAS** (pt. erro X verdade; esp. *error X verdad; erreur X vérité*; it. *errore X verità*). O sentido próprio de **errum** era ‘afastamento, volta, rodeio’, donde: ‘erro, ilusão, engano, falta; culpa; loucura, delírio, desvario; incerteza, dúvida’ (FARIAS, 1967, p. 356); enquanto o de **veritas**, ‘verdade’, donde: ‘realidade; justiça, equidade (FARIAS, 1967, p. 1055), imparcialidade; retidão, honradez (SILVA; MONTAGNER, 2009, p. 513)’.

Quadro 1: Antíteses presentes na construção do trecho 2 da “oração de São Francisco” em cada língua considerada

LATIM ⁵	PORTUGUÊS	ESPAÑHOL	FRANCÊS	ITALIANO	INGLÊS
<i>odium X c(h)aritas</i>	ódio X amor	<i>odio X amor</i>	<i>haine X amour</i>	<i>odio X amore</i>	<i>hatred X love</i>
<i>iniuria X venia</i>	ofensa X perdão	<i>ofensa X perdón</i>	<i>ofense X pardon</i>	<i>ofensa X perdone</i>	<i>injury X pardon</i>
<i>dissensio X concordia</i>	discórdia X união	<i>discordia X unión</i>	<i>dicorde X union</i>	<i>discordia X unione</i>	—
<i>dubium X fides</i>	dúvida X fé	—	<i>doute X foi</i>	<i>dubbio X fede</i>	<i>doubt X faith</i>
<i>errum X veritas</i>	erro X verdade	<i>error X verdad</i>	<i>erreur X vérité</i>	<i>errore X verità</i>	—

⁵ Neste quadro, o segundo elemento das antíteses latinas se encontra no nominativo, não no acusativo, como no texto da oração.

Religião, Língua e Literatura

<i>desperatio X spes</i>	desespero X esperança	<i>desesperación X esperanza</i>	<i>désespoir X esperance</i>	<i>disperazione X speranza</i>	<i>despair X hope</i>
<i>tristitia X laetitia</i>	tristeza X alegria	<i>tristeza X alegría</i>	<i>tristesse X joie</i>	<i>tristeza X gioia,</i>	<i>sadness X joy</i>
<i>tenebrae X lux</i>	trevas X luz	<i>tinieblas X luz</i>	<i>ténèbres X lumière</i>	<i>tenebre X luce</i>	<i>darkness X light</i>

Nos demais pares, sempre haverá conservação de um termo latino em cognatos registrados nas versões românicas da oração, ao lado da substituição de outro por formas também latinas, em geral vulgares. Assim, o último par (**TENEBRAE X LUX**) possui cognatos em todos os textos românicos, menos no francês. Enquanto os sentidos de *tenebrae* ‘escuridão, trevas, noite’, donde ‘obscuridade do espírito, baixaza de sentimentos; esquecimento, situação difícil, pesar, tristeza, desgraça’ são todos contextualmente compatíveis com os termos modernos, apenas alguns de *lux* ‘luz (força em atividade), claridade’, donde: ‘(luz do) dia’ brilho, ilustração, esplendor, glória; luz do mundo, (luz da) vida; vista, olhos; luzes, ajuda, socorro’(FARIAS, 1067, p. 577); ‘fonte de luz’ (REZENDE; BIANCHET, 2004, p. 218) o são.

Do primeiro par, na origem, **ODIUM** tinha os sentidos de ‘aversão, antipatia, enfado, repugnância (Cf. FARIAS, 1067, p. 763), inimizade, desafeição, cólera, furor (Cf. SILVA, MONTAGNRE, 2009, p. 322)’, donde: ‘objeto do ódio, pessoa ou coisa odiada’; ‘conduta odiosa, maneiras desagradáveis’ (Cf. FARIA, 1967, p. 673) e ‘linguagem ofensiva, ofensa, insolência’ (Cf. REZENDE, BIANCHET, 2004, p. 256). Por sua vez, **C(H)ARITAS** [‘karitas’] ‘ternura, afeição, estima, amor altruísta, caridade’ (SILVA, MONTAGNER, 2009, p. 65), pelo acusativo (*caritatem*) derivou formas que, em línguas modernas, têm só o sentido de ‘amor altruísta’: pt. caridade; esp. *caridad* [kari’da]; fr. *charité* [kari’té]; it. *carità* [kari’ta], ingl. *charity* [‘jærəti]. As formas românicas registradas (pt./esp. amor; fr. *amour* [a’muh]; it. *amore* [a’more]) têm origem no deverbais passivo da P1 de *amo* – **amor** ‘sou amado’ –, com os sentidos de ‘amizade, afeição’ (Cf. FARIAS, 1967, p. 70), ‘dedicação’ (QUEIROZ, 1959, p. 24)’, donde: ‘amor (i)lícito; paixão, desejo; desejo poético, não erótico (Cf. FARIAS, 1967, p. 70). Ainda tinha o latim outra palavra designativa do amor: **diligito**⁶ ‘apreço, consideração, distinção, estima, honra’.

O segundo par (**INIURIA X VENIA**) e o terceiro (**DISSENSIO X CONCORDIA**) não apresentam cognatos nos textos modernos (exceção: o inglês *injury*), embora as diversas lexias a eles equivalentes tenham por étimo formas também latinas, em geral vulgares. Vale dizer: embora as lexias dos dois pares tenham derivado formas românicas – v.g., pt., injúria, vênia, dissensão e concórdia –, elas não integram as respectivas versões do texto da Oração da Paz.

Iniuria – ‘injustiça’; donde: ‘prejuízo, agravo, injúria, ofensa; rigor demasiado, severidade (FARIAS, 1967, p. 502), dano, afronta, lesão (QUEIROZ, 1959, p. 170) – e **venia** – ‘favor, graça (inclusive dos deuses)’, donde: ‘desculpa, perdão,

⁶ No trecho 3, aparece o verbo *diligo* “ter apreço, amar” nas suas formas de P4 do SbPr (*diligamus* ‘amemos’) e de IfPr passivo (*diligi* ‘ser amado’).

Religião, Língua e Literatura

remissão; permissão, concessão’ (FARIAS, 1967, p. 1052), ‘autorização, licença’ (SILVA; MONTAGNER, 2009, p. 512) –, têm por correspondentes formas calcadas no latim *offensa* (pt./esp./it. *ofensa*, fr./ingl. *offense*) e **perdonet** (pt. *perdão*, esp. *perdón*, it. *perdone*, fr./ingl. *pardon*). Esta última era expressão medieval exclamativa e deverbais da P3 do SbPr de *perdonare* ‘que ele perdoe’ (HOUAISS, 2001, p. 2185), enquanto aquela significava ‘ação de topar, de dar encontrões; desagrado, descontentamento; injúria recebida; ofensa, lesão, agravo, mal’ (HOUAISS, 2001, p. 2051), estando no último conjunto desses sentidos a sinonímia com *iniuria*.

Em sua origem, por sua vez, *dissensio* significava ‘divergência de opiniões, dissensão, dissentimento; discórdia separação’, donde, ‘oposição entre as coisas’ (FARIA, 1967, p. 319); ao passo que *concordia*, ‘concordia, acordo, (boa) harmonia, donde ‘atração’ (FARIA, 1967, p. 222). Ora, nas versões românicas da prece em apreço, essas palavras foram respectivamente substituídas por outras, calcadas no latim *discordia*⁷ (pt. *discórdia*; esp./it. *discordia*; fr. *discordie*) ou *unio* (pt. união, esp. *unión*, fr. *union*, it. *unione*). Em sua origem, aquela tem o sentido primitivo de ‘desacordo, desunião, desinteligência’ (FARIA, 1967, p. 316), donde, ‘luta, agitação’, enquanto esta registra apenas ‘união, unidade’ (SILVA; MONTAGNER, 2009, p. 52).

Já em **DUBIUM** ‘dúvida, hesitação’; donde ‘perigo, situação crítica’ (FARIAS, 1967, p. 329), ‘perigo’ (SILVA; MONTAGNER, 2009, p. 134) **X FIDES** ‘fê, crença’, a segunda forma conserva seus cognatos (pt. *fê*, fr. *foi*, it. *fede*) nos

⁷ Farias (1967) registra, ainda, o uso de *concordia* e *discordia* como teônimos, ou seja, nomes próprios designativos de deidades. Filha de Ébreo e da Noite, *Discordia* era uma “divindade alegórica malfeitora, causadoras da guerra entre os povos e das questões entre particulares” (FARIAS, 1067, p. 316), ao passo que *Concordia* era a “deusa protetora da vida moral e social em Roma” (FARIA, 1976, p. 222).

textos românicos, o que também se dá com esta no italiano *dubbio*, mas nas demais línguas modernas (pt. dúvida, fr. *doute*, ingl. *doubt*), é trocada por formas vindas do latim vulgar *dubita*, deverbal de *dubito* ‘duvidar, hesitar, vacilar’ (FARIAS, 1067, p. 329).

Nos pares restantes, enquanto um elemento conserva cognatos nos textos românicos; o outro é substituído por derivado de forma geralmente do latim vulgar. Assim, em **TRISTITIA** ‘tristeza, aflição, luto’ (SILVA; MONTAIGNER, 2009, p. 494), donde: ‘gravidade, austeridade, severidade; mau humor, cólera’ (FARIAS, 1967, p. 1021) X **LAETITA** ‘fecundidade, fertilidade’; donde: ‘alegria, prazer’ (FARIA, 1067, p. 544) ‘regozijo, gosto, contentamento’ (SILVA; MONTAIGNER, 2009, p. 260), aquela forma é conservada (pt./esp. *tristeza*, fr. *tristesse*, it. *tristeza* [tris’tetsa]), enquanto esta é trocada (pt. *alegria*, esp. *alegría* < lt. vg. *alecra* ‘vivacidade, animo, felicidade, boa-disposição’; ou fr. *joie* [ʒua], it. *gioia* [‘dʒɔja]) < lt. vg. *gaudi-um/a* (singular/plural) ‘alegria, contentamento, prazer’ (BUSSARELLO, 2002, p. 122).

Em **DESPARATIO** ‘desesperança, desespero’ (FARIA, 1967, p. 300) X **SPES**⁸ ‘esperança, expectativa (sobretudo boa), perspectiva, espera’, aquela é conservada (pt. desespero, esp. *desesperación* [dezesperasi’on] fr. *desespóir* [dezez’pwah], it. *disperazione* [dispera’tsyone]); já esta é trocada por derivados de *sperantia* (forma vulgar, deverbal e neutra de *sperans*, *ntis*, PaPr de *spero* ‘esperar’).

⁸ Farias (1967, p. 936) registra também o uso de *spes* como teônimos designativo de uma divindade considerada pelos romanos “irmã do Sono, representada por uma jovem coroada de flores e sorridente”.

Religião, Língua e Literatura

Trecho 3:

LATIM:

CONCEDE NOBIS UT

português:

Ó Mestre, fazei que eu procure mais

espanhol:

Oh, Maestro, que yo no busque tanto

francês:

O Maitre, que je ne cherche pas tant

italiano:

Maestro, f'ache io non cerchi tanto

inglês:

O divine máster, grant that I may

LATIM:

NON TANTUM CONSOLATIONEM QUAERAMUS QUAM ADHIBEAMUS;

português:

consolar, que ser consolado;

espanhol:

ser consolado como consolar;

francês:

à être consolé qu'à consoler;

italiano:

ad esser consolato, quanto a consolare;

inglês:

not so much seek to be consoled as to console;

LATIM:

NON TANTUM COMPREHENDI QUAERAMUS QUAM COMPREHENDAMUS;

português:

compreender, que ser compreendido;

espanhol:

ser comprendido como comprender;

francês:

à être compris qu'à comprendre;

italiano:

ad essere compreso, quanto a comprendere;

inglês:

to be understood as to understand;

LATIM:	NON TANTUM DILIGI QUARAMUS QUAM DILIGAMUS;
português:	amar, que ser amado;
espanhol:	ser amado como amar;
francês:	à être aimé qu'à aimer;
italiano:	ad essere amato, quanto ad amare;
inglês:	to be loved as to love;

Neste trecho, há duas diferenças iniciais entre o original latino e as versões modernas: de um lado, nestas, a existência de um novo vocativo (pt. mestre; esp./it maestro; fr. maître, ing. master < lt. magister ‘dirigente, condutor, mestre, professor’), ausente naquele; e, de outro, naquele, a presença explícita de subordinação sintática com verbo principal na P2 do IpPr (*concede*) seguido de *ut*, com correspondente moderno apenas em inglês (*grant that*) e em português, só que neste, com verbo na P5 (faça que); nas demais versões românicas, o verbo principal sofre zeugma, validando-nos a uma interpretação de repetição tácita do verbo dirigido, em súplica, à divindade, no trecho 2. Como aquele trecho, este também apresenta diferentes estratégias sintático-pragmáticas, próprias de cada língua para expressar:

a) a busca de um objeto mais que outro – no original latino, a construção é a negação de sentença comparativa de igualdade (*non tantum X quaeramus quam Y* ‘não tanto busquemos X quanto Y’), seguida pelas versões em línguas modernas, exceto a do português, em que a comparativa é de superioridade e não sofre negação (mais X que Y);

Religião, Língua e Literatura

b) esse objeto em si – no texto latino, expresso por um acusativo (*consolationem*) ou por formas verbais infinitivas e passivas (*comprehendi, diligī*), sendo essa última a adotada nas versões românicas e inglesa, nessa mesma ordem, exceto em português, que a inverte, devido à aplicação da estratégia diferenciada descrita no item a);

c) no texto latino, tanto neste quanto no próximo fragmento, a permanência das formas verbais de P4 (*quaeramus* ‘busquemos’, *adhiebamus* ‘acolhamos’, *comprehendamus* ‘compreendamos’, *diligamus* ‘amemos’, *accipiamus* ‘recebemos’, *condonamur* ‘somos perdoados’, *nascimur* ‘vivemos’) aponta o caráter coletivo, genérico e, logo, não marcado da ação quanto a seu agente; essa estratégia nas consta nas versões modernas do texto da prece.

trecho 4:	LATIM:	QUONIAM IN DONANDO ACCIPIAMUS;
	português:	pois é dando, que se recebe;
	espanhol:	porque dando se recibe;
	francês:	car c'est en donnant qu'on reçoit;
	italiano:	perché, così è: dando, che si riceve;
	inglês:	for it is in giving that we receive;
	LATIM:	IN CONDONANDO CONDONAMUR;
	português:	é perdoando, que se é perdoado
	espanhol:	olvidando se encuentra;
	francês:	c'est en pardonnant qu'on est pardonné ;
	italiano:	perdonando, che si è perdonati;
	inglês:	it is in pardoning that we are pardoned;
	LATIM:	ET IN MORIENDO NASCIMUR AD VITAM AETERNAM.
	português:	e é morrendo, que se vive para a vida eterna!
	espanhol:	y muriendo se resucita a la vida eterna.
	francês:	c'est en mourant qu'on ressuscite à l'éternelle vie.
	italiano:	morendo, che si risuscita a Vita Eterna
	inglês:	and it's in dying that we are born to eternal life.

Este penúltimo trecho apresenta a relação de causa e consequência – denotada pelas conjunções *quonian* (lt.), *pois* (pt.), *porque* (esp.), *car* (fr.), *perché* (it.) e *for* (ing.) – entre duas ações: a primeira, expressa no Gd (forma impessoal) e a segunda, em P4 (algo parcialmente já tratado).

Examinando a sentença causal-consecutiva expressa neste trecho, tanto na pré-dica original quanto nas versões em modernas, percebemos a existência de quatro construções:

a) preposição + Gd {causa} + verbo {consequência} do texto latino (*in donando, accipiamus* ‘dando, recebemos’);

b) Gd (causa) + P3 (passivo) {consequência} – própria do espanhol (*dando, se recibe* ‘dando, se recebe’);

c) expletivo⁹ + Gd {causa} + expletivo + P3 (pas.) {consequência} – presente em português (é dando que se recebe), italiano (*così è dando, che si riceve* ‘é assim doando, que se recebe’) e inglês (*it is giving that we receive*);

d) expletivo + preposição + Gd {causa} + expletivo + P3 (pas.) {consequência} – própria do francês (*c’est en donnant qu’on reçoit* ‘é que, em dando, é que se recebe’).

Uma última observação sobre as formas latinas de P4 deste trecho. Elas nos levam a perceber uma peculiaridade dessa língua: a existência de formas verbais ativas (*accipiamus* ‘recebemos’), passivas (*condonamur* ‘somos perdoados’) e semidepoentes, i.e., passivas com significação ativa (*nascimur* ‘nascemos’ em vez de *‘somos nascidos’).

trecho 5:

LATIM: AMEN

português: Amém.

espanhol: Amén.

francês/ italiano/inglês: Amen.

Originária do hebraico, essa interjeição própria do latim eclesástico foi transmitida às línguas europeias devido à difusão do Cristianismo. Seu significado é ‘assim seja’ e é usada no final das

⁹ Responsável pela ênfase, tipo frasal facultativo, a construção expletiva não desprezível do ponto-de-vista sintático-pragmático.

orações, em todas as igrejas, como uma aprovação ou concordância incondicional com teor da prece.

Encerramos este estudo afirmando-o não conclusivo, já que não se explorou toda a temática possível a partir do texto da “Oração da Paz”. Por isso, fica aberto o desafio para, desde outros enfoques, surgirem trabalhos diversos acerca dessa prece, tão importante, mesmo para não católicos ou não cristãos, como eu (budista por opção, mas nascido dentro da cristandade), porque relacionada à cultura de paz, uma das bases necessárias à construção de novos tempos, num mundo tão assolado por ódios e ofensas, discórdias e dissensões, erros e inverdades, descrenças, desesperanças e outras tantas trevas do espírito humano.

REFERÊNCIAS

- BOFF, Leonardo. *A oração de São Francisco: uma mensagem de paz para o mundo atual*. 8.ed. Rio de Janeiro: Sextante, 1999.
- CARVALHO, Paulo César. Os nomes do amor. *Discutindo língua portuguesa*, São Paulo, ano 1, no. 1, p. 54-7, 2004.
- CAVALCANTE, Anderson; PERISSÉ, Gabriel. *A oração de São Francisco: fé, esperança e paz para uma vida feliz*. Rio de Janeiro: Sextante, 2013.
- FARIAS, Ernesto. *Dicionário latino-português*. Rio de Janeiro: FAE, 1967.
- GÁLVEZ, Fr. Tomás. *A “oração de São Francisco” que... não foi escrita por São Francisco!* 2016. Disponível em: <<https://pt.aleteia.org/2016/10/03/a-oracao-de-sao-francisco-que-nao-foi-escrita-por-sao-francisco>>. Acesso: 30.ago.2017.
- GARCIA, Othon Moacyr. *Comunicação em prosa moderna*. 23. ed. Rio de Janeiro: FGV, 1992.
- HOUAISS, Antônio. *Dicionário da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.
- LIMA, Jackson. *Oração de São Francisco em francês*. 2008. Disponível em: <<http://linguasediversidade.blogspot.com/2008/01/orao-de-sfrancisco-em-francs.html>>. Acesso: 8.jan.2019.
- MESSA, Pietro. *A oração simples*. 2019. Disponível em: <www.isb.org.br/imprensa/artigos/item/1040-a-oracao-simples-nao-de-sao-francisco-mas-do-beato-egidio>. Acesso: 6.jan.2019.
- PICUCCI, Egídio. As origens do texto atribuído a São Francisco de Assis: a verdadeira história da oração pela paz. *L'Osservatore Romano*,

Religião, Língua e Literatura

- Vaticano, 20.jan.2009. Disponível em:
<www.montfort.org.br/bra/veritas/igreja/oracao_paz/>. Acesso:
30.ago.2017.
- PILONETTO, Adelino G. A “oração pela paz” atribuída a São Francisco. *Revista Franciscana FFB*, vol. 5, 2005. Disponível em:
<www.franciscanos.org.br/?p=24385>. Acesso: 30.ago.2017.
- MACHADO, Antônio Carlos. *Oratio Sancto Franciscus attributa*. 2016. In: Id. “Preces católicas”. Disponível em:
<www.acmachado.net/hplatim/preces.html>. Acesso: 8.jan.2019.
- PENSADOR. *Oração da Paz*. 2205-2019. Disponível em:
<www.pensador.com/frase/NTI4MTYy/>. Acesso: 8/01/2019.
- QUEIROZ, Otávio P. de. *Dicionário latim-português*. São Paulo: LEP, 1959.
- REZENDE, Antônio M.; BIANCHET, Sandra B. *Dicionário do latim essencial*. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.
- SAN FRANCESCO PATONO D’ITALIA. *La preghiera di San Francesco*. 2014. Disponível em:
<www.sanfrancescopatronoditalia.it/notizie/fede/la-preghiera-di-san-francesco--24631#.XDR_uFxKjIU>. Acesso: 8.jan.2019.
- SILVA, Amós Coelho da; MONTAIGNER, Airto Ceolin. *Dicionário latino-português: etimologia, gramática, derivações, exemplos*. Petrópolis: Vozes, 2009.
- WIKIPEDIA. English. *Prayer of Saint Francis*. 2019. Disponível em:
<https://en.wikipedia.org/wiki/Prayer_of_Saint_Francis>. Acesso:
8.jan.2019.
- WIKIPEDIA. Español. *Oración de San Francisco*. 2018. Disponível em:
<https://es.wikipedia.org/wiki/Oración_de_San_Francisco>. Acesso:
8.jan.2019.